Segredos

Thiago Melo

12/10/2024

Era dois mil e um. Acabara de pedir baixa da polícia, e com o salário de aposentado, comprara um pequeno apartamento no centro, onde montou um escritório de investigação. Terceirizava serviços para a polícia, despachava documentos, e fazia uma ou outra ronda no bairro como segurança particular. Era uma existência simples, que lhe afastava dos perigos que o Estado fornecia de bom grado em troca de oitocentos reais.

Muitas vezes chegava no escritório e via, do outro lado da rua, uma mulher de óculos escuro o observando. As vezes ele parava na esquina, achando que talvez fosse alguma antiga namorada, mas não era. Ela bateu na porta do escritório no fim duma terça-feira. Estava trêmula, as mãos pequenas e magras seguravam uma caixa de sapatos infantis, e mesmo que tenha lhe oferecido uma bebida, a mulher continuou receosa de estar sozinha com um homem, por isso ele abriu as janelas, as portas e pediu que a moça falasse o que desejava.

Chamava-se Ana, e de uns tempos para cá desconfiava dos sumiços do marido. Ele sempre dizia estar viajando, mas os cartões de crédito não constavam nada referente. Tinha receio de que ele...

— Pois bem – disse, tomando ares resolutos de mulher casada. - Quero apenas que fique de olho, senhor...

— Rogério, só Rogério.

Aliviada por saber o nome do investigador que haviam lhe indicado, Ana começou a falar do esposo. Francisco era um imigrante espanhol que fizera fortuna de maneiras... bem, não sabia explicar.

— Um amigo de um amigo o indicou para outro amigo; não entendo muito.

Mas sabia que era um homem de amizades influentes, que passava a maior parte do tempo em reuniões com políticos e empresários, e sem nunca precisar mostrar o rosto nos jornais, aproveitava o melhor de dois mundos: a riqueza e o anonimato. Não era um pai ruim... dava do bom e do melhor para as crianças; mas de uns tempos para cá distanciara-se, suando em pleno inverno, e sempre olhando para trás, receoso de que alguém o estivesse seguindo.

Depois de escutá-la, Rogério iniciou a investigação. Ficou das cinco e trinta até as dezessete horas no encalço do calhambeque preto dirigido por Francisco. A rotina era a seguinte: Levantava-se às seis horas, tomava café, brincava com os filhos e saía. Passava horas e mais horas sentado na praça da igreja, com o jornal do dia em mãos e olhando de vez em quando para o relógio. Depois almoçava num bar cheio de árvores, e então seguia para um motel atrás do teatro amazonas, onde trancava-se num quarto, saindo apenas por volta das dezesseis e trinta.

À noite Rogério conversou com uma camareira e descobriu que não havia maneira de entrar nos quartos sem que fosse pela porta da frente. Inquieto, ligou para Ana e pediu uma cópia da chave dos portões da casa, que ela cedeu, sem esconder a desconfiança. Quando ela e os filhos deitavam-se por volta das vinte uma e trinta, Francisco mantinha-se no escritório por longas horas, sentado numa poltrona virada para a janela. Quando era madrugada levantava e saía. Acendia um charuto, olhava para os próprios pés; só então seu rosto contraía-se e, iluminado pela noite, chorava baixinho, receoso de ser escutado até pela própria sombra.

Tirando esse episódio, a rotina era sempre a mesma. Mudavam poucas coisas; uma hora a mais aqui, outra ali. Nada digno de nota. Francisco é um sujeito, como podia dizer, introspectivo, não?

— Mas como! Quando nos conhecemos ele não era assim... - E a mulher narrou, sem esconder a mistura de amor e tristeza, a história de como se conheceram... Ela, uma jovem universitária e ele, um homem de quarenta anos solitário, mas de bom coração... - Continue, você verá que tem algo de errado.

E Rogério viu. Num domingo à noite, Francisco fora sozinho numa reunião na velha residência dos Cavalcante-Almeida; depois de algumas horas saiu consternado, seguido por uma mulher muito alta, de longos cabelos negros, que lhe disse algo no ouvido antes que ele entrasse no carro. Estava ali, uma possível amante. Chamava-se Marieta Falcão, neta de um general.

— Eu conheço Marieta. A vi em algumas reuniões das empresas de Francisco. Então é isso? Eles têm um caso?

Bem, não exatamente. Apenas fora um cochicho nos ouvidos. Só conseguiria dar certeza se tivesse visto algo sugestivo no rosto de Francisco. Esperou que naquele momento visse um sorriso ambíguo, ao menos um olhar que demonstrasse uma longa história de prazeres escusos, mas o rosto de Francisco era o de sempre: a face derretida de um homem que nunca foi bonito.

Na segunda feira, porém, em vez de manter o ritual, Francisco saiu antes que a mulher e as crianças acordassem, e tendo deixado um bilhete em cima da mesa, pegou o carro e saiu da cidade. Voltou no dia seguinte e dormiu por vinte horas. Depois disso retornou à habitual rotina.

— Ele parece doente... - disse Ana, enxugando os olhos num lenço de seda.

De fato, parecia doente. Começara a frequentar uma clínica particular do centro, muito famosa por fornecer atendimento aos orfanatos. Por mais de uma semana Rogério tentou conseguir os laudos de Francisco, mas os atendentes, acostumados à subornos caríssimos, não lhe davam atenção, e ameaçaram chamar a polícia se continuasse os importunando. Certa noite quando acabara de sair da clínica, viu uma limosine preta parar na frente do hospital e sair de dentro dois seguranças, seguidos de Marieta. Ele se aproximou e pediu para falar com ela, mas Marieta o olhou como se fosse perigoso, e, escondendo-se por trás dos homens, caminhou em direção do hospital. Rogério insistiu e acabou tomando um soco de um dos seguranças.

— Você tem que tomar cuidado. Essa gente que meu marido anda... Tem cada boato que você nem imagina. - Ana sentou-se em sua frente, fez-lhe curativo. O cheiro doce de perfume misturou-se com o mofo do escritório; a mulher possuía uma branca que brilhava, de leve, na luz do crepúsculo.

Rogério desviou os olhos. Nas pesquisas que havia feito leu sobre escândalos envolvendo clínicas de aborto, maus tratos de animais e coisa pior.

— Que tipo de coisa?

Ela sabia. O tipo de coisa que faz benzer-se até o mais imoral dos homens. Mas Rogério não deu o braço a torcer. Terminaria o que havia começado e, se os cálculos estivessem certos, Francisco viajaria na próxima segunda-feira. Dito e feito. Às cinco da manhã Francisco entrou no carro e seguiu pela rodovia para fora da cidade. Rogério mantinha uma distância considerável, mas quando chegaram numa cidade pequena, foram parados aleatoriamente por uma batida policial, e estando Rogério com os documentos vencidos, os guardas pediram que saísse; Francisco, que descera apenas para fumar, olhou para Rogério; este desviou o rosto e, com um sorriso, disse ao policial: você vai me prender? Sabe que sou aposentado, né? Segundo tenente. O policial, então, o liberou, e Rogério dirigiu em velocidade baixa até que fosse ultrapassado.

Francisco seguiu pela estrada de barro e adentrou num ramal há quase três quilômetros da cidade. Danou-se. Seria descoberto se continuasse. Então Rogério estacionou na beira da rua e seguiu a pé por quase um quilômetro de mata até que viu, ao sair da floresta, uma enorme fazenda de cavalos, com o terreno repleto de carros luxuosos. As luzes da casa ficaram acesas até tarde da noite. Ouvia-se gritos, cantorias. Por volta da meia noite Francisco saiu extasiado, com uma expressão de arrependimento no rosto. Apressou-se em direção do carro, e quando chegou na porta Marieta gritou seu nome, em voz baixa; ela falava-lhe apontando no rosto. Ele mantinha a mesma cara de velho assustado, inocente; Marieta bateu no peito dele com uma fita cassete e foi embora.

Consternado, voltou à capital; foi direto àquele hotel. Rogério alugou o quarto ao lado e ouviu os passos de Francisco pela madrugada inteira. Quando amanheceu os passos cessaram. Devia estar dormindo. Então, seguindo pelos fundos, entrou pela janela do banheiro. Com calma, caminhou pelo quarto e por um momento observou Francisco dormindo. A respiração fraca, de quem dorme sem dormir, era evidente. Esgueirou-se em direção das bagagens e, abrindo-as, pegou a fita e saiu pela janela.

Voltou ao escritório tomado por uma forte curiosidade. Ligou as luzes, fechou janelas, trancou portas e colocou a fita no aparelho. As narrativas policialescas que passam nas cabeças dos civis geralmente constroem a figura do policial como um ser trágico, cheio de problemas e um passado obscuro; mas a vida de Rogério não fora nada disso. Fazia batidas, preparava relatórios e muitas vezes até evitava sair do quartel usando uniforme, pois tinha medo que lhe matassem sem motivo algum. Mas ao ver as costas de Francisco, as risadas, os sapatinhos... Rogério pensou.

— E então?

— Seu marido não tem casos extraconjugais.

— Mas e essas viagens?

— Apenas encontra alguns amigos.

Ana deitou o pescoço na cabeceira da poltrona e soltou uma risada aliviada. Sabia! Francisco não seria capaz dessas coisas. No fundo sabia! E exibindo uma felicidade feminina, Ana levantou-se, e, na porta, pensou em chegar em casa e jogar-se nos braços daquele homem que tanto amava. Tudo graças a Rogério, que lhe tirara um peso enorme do coração.

— Obrigada. Você não faz ideia do quanto me ajudou.

— Espere. - Disse Rogério, os olhos grandes, marcados pela vigília.

— O quê? - respondeu Ana, desfazendo o sorriso.

— O pagamento. Oitocentos reais.